

ANAIS DA II JORNADA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DE PARINTINS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
PARINTINS - 2018

Weberson Fernandes Grizoste
(Org.)

Anais da II Jornada de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<https://amazonas.academia.edu/latinitas>
latinitates.weebly.com
facebook.com/latinitates

Arte da capa: Thiago Godinho
ISBN: 978-85-7883-473-9

Centro de Estudos Superiores de Parintins
Universidade do Estado do Amazonas
Parintins – AM
2018

ESTUDOS CLÁSSICOS



O CONCEITO DE AGONISMO NA GRÉCIA ANTIGA

Franklin Roosevelt Martins de Castro [UEA/UNICAMP]

Resumo: *O propósito deste trabalho é refletir sobre o conceito e agonismo na Grécia Antiga a partir das obras “Os Trabalhos e os Dias” e “Teogonia” de Hesíodo, o livro I de “Ilíada” de Homero e “A Poética” de Aristóteles. Desse modo, espera-se tecer um panorama de como o agon perpassa a concepção de mundo, a ética e as artes gregas antigas. O agonismo é, portanto, um conceito que aproxima filósofos e poetas em sua compreensão do homem grego na antiguidade.*

Palavras-chave: Agonismo. Hesíodo. Homero. Aristóteles.

O *agon* é traduzido pelos filólogos por luta, jogos, festas, assembleia, reunião, e também por temor, ansiedade, angústia, perigo e momento crítico. Toda a semântica do léxico *agon* se estabelece em torno da luta e do conflito, enquanto disputa. Desta palavra ainda derivam, *agonistes*, o atleta, competidor, rival, orador e advogado; *agonísticos*, que gosta da luta e da discussão; *agonisma*, ação heroica, luta e rivalidade, processo, litígio. Observamos que o *agon* perpassa todos os ângulos da vida grega, desde as discussões políticas na *ágora*, às competições nos jogos olímpicos. Chamamos a atenção para o *agon* também se relacionar com angústia, ansiedade e momento crítico, por estes expressarem processos internos da vida psíquica. Estaria o *agon* tão profundamente marcado no horizonte grego que se apresentaria enquanto ontológico e cosmológico? O que dizem os poetas e filósofos gregos da antiguidade sobre o *agon*?

Hesíodo, poeta grega da época clássica, escreveu na “Teogonia” uma passagem intitulada *Os filhos da noite*, em que apresenta o nascimento da deusa *Éris*.

Fiandeira, Distributriz e Inflexível que aos mortais tão logo nascidos dão os haveres de bem e de mal, elas perseguem transgressões de homens e Deuses e jamais repousam as Deusas de terrível cólera até que deem com o olho maligno naquele que erra. Pariu ainda Nêmesis ruína dos perecíveis mortais a Noite funérea. Depois pariu Engano e Amor e Velhice funesta e pariu Éris de ânimo cruel. (Hes. *Th.* 217-225)

O primeiro verso mostra as moiras, filhas da Noite, responsáveis pelo destino dos homens de deuses. É de sua incumbência perscrutarem as ações, e imbuídas pela cólera perseguirem os que erram. Esta passagem faz uma distinção entre o bem e o mal, categorias éticas e morais. No entanto, não se explica ou referencia o que é o bem e o que é o mal, definição ontologizante. Então pergunta-se: qual o critério de julgamento das moiras? Estariam deuses e homens à mercê dessas deusas poderosas e imprevisíveis? A imprevisibilidade das moiras revela, pois, a contingência da vida humana e a fatalidade do destino que acomete todos os seres.

Nos versos seguintes, o poeta se refere a Engano, Amor, Velhice e Éris como filhos da Noite. É importante notar que Amor e Engano são irmãos e opostos até certo ponto, se considerarmos o Amor relacionado com a verdade. Por fim, a Velhice é efemeridade da vida que passa; restando-nos a Éris de ânimo cruel, também chamada de inveja e/ou discórdia.

Éris hedionda pariu Fadiga cheia de dor,
Olvido, Fome e Dores cheias de lágrimas,
Batalhas, Combates, Massacres e Homicídios,
Litígios, Mentiras, Falas e Disputas,
Desordem e Derrota conviventes uma da outra
e Juramento, que aos sobreterrêneos homens
muito arruína quando alguém adrede perjura. (Hes. *Th.*
226-232)

Éris é a mãe de muitos aspectos que causam dor e sofrimento na vida humana, como se pode constatar nos versos 227 “Dores cheias de lágrimas”. Destarte, o verso 229, “Litígios, Mentiras, Falas e Disputas” tende para o poder da linguagem e de quanto seus efeitos são perigosos, visto a “Fala” ser irmã da

“Mentira” e da “Disputa”. A palavra é então “dinamis”, perpassada pelo “agon”. Verificar-se-á, posteriormente na *Ilíada* que a palavra causa a discórdia entre Agamenon e Aquiles, quando este cheio de cólera dirige improperios ao comandante dos guerreiros gregos; e ainda em Aristóteles que enfatiza o poder da palavra tanto na Retórica, quanto na Poética. A palavra é, pois, lugar agonístico. É por este motivo que a “ágora” pode ser vista como lugar da disputa onde se travam as discussões e se tomam as decisões relevantes à “pólis”.

Outro texto de Hesíodo de grande importância é “Os trabalhos e os Dias”, em que o beócio, o remete ao seu irmão com quem está em litígio. Novamente a Éris, traduzida por Luta, pode agora ser boa ou má.

Não há origem única de Lutas mas sobre a terra,
Duas são! Uma louvaria quem a compreendesse,
Condenável a outra é; em ânimo diferem ambas.
Pois uma é guerra má e combate amplia
Funesta! Nenhum mortal a preza, mas por necessidade,
Pelos desígnios dos imortais, honram a grave Luta.
A outra nasceu primeira da Noite Tenebrosa
E a pôs o Cronida altirregente no éter,
Nas raízes da terra e para os homens ela é melhor.
Esta desperta até o indolente para o trabalho:
Pois um sente o desejo de trabalho tendo visto
O outro rico apressado em plantar, semear e a
Casa beneficiar, o vizinho inveja o vizinho apressado
Atrás de riquezas, boa Luta para os homens esta é;
O oleiro ao oleiro cobiça, o carpinteiro ao carpinteiro,
O mendigo ao mendigo inveja e ao aedo ao aedo. (Hes.
Op. 11 – 26)

Duas são as naturezas da Luta. Há a má Luta que causa a guerra e o combate, lembrando-nos dos versos da “Teogonia” em que Éris é filha da Noite Funesta causando dores e sofrimentos humanos. Esta Luta só leva à destruição e ao aniquilamento. Por outro lado, Hesíodo elogia a boa Éris que “desperta até o indolente para o trabalho”. A Éris boa é a inveja competitiva que busca o trabalho e a excelência. A inveja se traduz em competição, que pode ser relacionada ao “agon” que por sua vez também é disputa e competição.

A inveja é então um sentimento que merece ser cultivado dentro do espírito competitivo agonístico. Daí, os jogos e concursos serem estimados e apreciados pelos gregos, pois os “agonistes” (competidores) poderiam mostrar sua excelência, serem louvados e ainda exaltarem sua cidade. Há tanto o reconhecimento do vencedor como a honra ao adversário, pois este se delineia enquanto referência de excelência. Não é preciso destruir ou aniquilar o outro, mas é nobre ser melhor que ele.

Dentro do espírito agonístico, a honra é fundamental para aquele que é nobre. Não se pode desonrar e ofender ao outro gratuitamente, nem atraí-lo ou usar de subterfúgios. O nobre olha de frente o adversário, e luta com este às claras, durante o dia. Assim também como não é nobre lutar com quem se é inferior e carece de excelências. Só se trava disputa com um outro que nos é igual e/ou equivalente. E neste ponto trataremos do Canto I da *Ilíada* de Homero.

Nos primeiros versos da *Ilíada*, Homero encerra o assunto de seu canto – a ira. Este sentimento é o fio condutor do poema, mesmo quando Aquiles está ausente da cena. Todos são emaranhados pela ira, deuses e homens. O poeta invoca a Musas a fim de que exalte a ira do filho de Tétis, “Canta-me a cólera – ó deusa! – funesta de Aquiles Pelida” (vs 01). Qual o motivo de sua cólera? Um fato puramente humano, o seu desentendimento com Agamenon. O Pelida sentiu-se ultrajado pelo comandante do exército grego quando este o desonrou ao tomar Breseide, sua conquista de guerra. Mas como é possível haver desentendimentos entre os heróis gregos quando estes travam uma luta contra o exército troiano? Há um clima de discórdia pairando sobre os gregos. Qual a razão? O Canto I descortina a situação interna das tropas gregas. Os combatentes gregos estão sendo massacrados e morrendo. O que está causando a derrota dos protegidos de Atena?

Agamenon rejeitou a oferta de Crises, sacerdote de Apolo, em resgate da filha, prisioneira de, guerra do Atrida. Sentindo-se ultrajado, Crises eleva uma oração fervorosa a Febo Apolo: “Ouve-me, agora, e realiza este voto ardoroso, que faço: possas vingar dos Aqueus, com teus dardos, o pranto que verto” (vs 41 – 42). Clama-se por vingança, é o espaço da luta, e quando não se tem armas suficientes, fraco, é lícito invocar a justiça dos deuses. E por isto, nos

versos seguintes, continua: “ouvido por Febo foi logo. O coração indignado, se atira dos cumes do Olimpo. Os deuses também entram no campo de batalha, e por haver uma tão significativa dizimação do exército grego, Aquiles chama todos os combatentes para a “ágora”.

E é novamente na “ágora”, como já demonstrado em Hesíodo, que se travam as disputas e as discussões, desta vez entre Agamenon e Aquiles. Na “ágora” se descobre as razões e os infortúnios dos gregos. E é por causa da palavra Testor, profeta de Apolo, que se revela a indignação do deus e a atitude de Agamenon para com o sacerdote Crises. Testor sabe do perigo de suas palavras e o quanto esta poderá causar a ira de Agamenon, por isto pede a proteção de Aquiles. E de fato, as palavras do profeta causam a ira do chefe dos Aquivos: “És só profeta de males; jamais me agradou tua fala” (vs 108). Percebe-se a fala causando a ira e a discórdia.

Travam-se nos versos subsequentes uma forte discussão entre Aquiles e Agamenon, palavras que suscitam furor em ambos, ao ponto de Aquiles tomar de sua espada ao encontro de Agamenon.

Enfurecido com estas palavras ficou o Pelida,
O coração a flutuar, indeciso no peito veloso,
Sobre se a espada cortante, ali mesmo, do flanco
arrancasse
E, dispersando os presentes, o Atrida, desta arte,
punisse,
Ou se o furor procurasse conter, dominando a alma
nobre. (Hom. *Il.* 1.188-192)

O filho de Tétis sente o poder das palavras agônicas de Agamenon e perante estas fica indeciso de qual atitude deliberar, tomar da espada ou dominar a alma nobre? Estariam nestes versos as raízes da prudência e da “sofrosine”? Mesmo um semideus vacila em suas decisões. E quando se escolhe o que é mal, os deuses podem intervir?

No entanto, a palavra não é só discórdia, mas pode trazer o entendimento, a resolução de conflitos ou ainda amenizar os ânimos. A este poder cabem as palavras do velho Nestor: “Alça-se o velho Nestor, orador delicioso de Pílios, de cuja boca fluíam, mais doces que o mel, as palavras.” (vs 248 – 249).

Há uma estreita relação entre “phronesis” e palavra. É prudente saber falar, como também é prudente saber ouvir e calar.

Este aspecto pragmático da palavra aparece no herói trágico que se revela não pelo diz superficialmente ou de maneira vazia, porém, quando pela palavra mostra as suas escolhas. Falar é uma ação. A palavra é reveladora das ações, portanto é “pragma”, ato deliberativo, como é exposto na “Ética a Nicômaco” de Aristóteles. Toda decisão deve ser explícita, dita, proferida ao público. O homem grego é reconhecido por todos na “pólis” que o conhece e sabe de seus procedimentos.

Ao longo dos 26 capítulos da “Poética” de Aristóteles, 17 são dedicados à tragédia, o que aponta a preocupação dos filósofos com as contingências e os infortúnios da vida humana, enquanto vestígios do “agon”.

O horizonte trágico dos homens é vigiado pelas moiras que esperam o menor erro dos heróis a fim de se lançarem sobre estes, causando-lhes dores e sofrimentos. O trágico se torna agônico porque se deve lutar contra a impetuosidade do destino e a imprevisibilidade da contingência.

No capítulo 23, Aristóteles discorre acerca do nó e desenlace, aspectos essenciais do drama, pois é o nó que mostra a situação conflituosa, por sua vez o agonismo.

Digo pois que o nó é toda a parte da Tragédia desde o princípio até aquele lugar onde se dá o passo para a boa ou a má fortuna; e o desenlace, a parte que vai do início da mudança até o fim. (Arist. *P.* 1455b)

Estão o “nó” e o “desenlace” paralelos à peripécia, ao reconhecimento e ao patético. O “nó” pelo termo é a tensão trágica que precisa ser resolvida, por vezes com a queda do herói. As tragédias gregas não se desfecham em final feliz, destarte e, morte, exílio e fracasso. As tragédias servem como espelho para os gregos, não do que acontece, mas do que poderia acontecer. Serviriam, então as tragédias, ou a poesia para a educação grega? Mirando-se nos heróis trágicos, poderiam os contemporâneos buscarem a prudência em suas escolhas e atitudes, para que não caíssem tal como estes personagens?

Se a vida é luta, contingência e conflito, vigiada pelas moiras e sujeita aos infortúnios da fatalidade, a prudência deverá ser buscada e valorizada por todos os cidadãos gregos. Só a “phronesis” norteará

a distinção entre o caminho do bem e o caminho do mal, o certo e o errado; mas neste horizonte a “Poética” não se vislumbra.

Conclui-se que a dimensão conflituosa e combativa do “agon” é efetivada na disputa da palavra, na cosmologia do universo e na contingência da vida humana. Daí os gregos se considerarem diferentes dos bárbaros, pois foram eleitos pelo “logos” e pelo “pathos”, fazendo do presente a busca pela “eudaimonia” que só pode ser proferida depois que se fecham as cortinas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes primárias

- C. A. Nunes (s/d). **Homero. Ilíada**. São Paulo: Edições Melhoramentos.
E. Souza (1993). **Aristóteles. Poética**. São Paulo: Ed. Ars Poética.
J. Torrano (1992). **Hesíodo. Teogonia – a origem dos deuses**. São Paulo: Biblioteca Pólen. Iluminuras.
M. C. N. Lafer (1992). **Hesíodo. Os Trabalhos e os Dias**. São Paulo: Iluminuras.

Fontes secundárias

- A. Lesky (1990). **A Tragédia Grega**. São Paulo: Perspectiva.
D. Schuller (2004). **A Construção da Ilíada uma análise de sua elaboração**. Porto Alegre: L&PM 30 anos.
L. Rohden (1997). **O poder da linguagem: a arte retórica em Aristóteles**. Porto Alegre: EDIPUCRS.
P. Aubenque (2003). **A Prudência em Aristóteles**. Trad. Marisa Lopes. São Paulo: Discurso Editorial.



UMA VIDA SEM AMIZADE NÃO MERECE SER VIVIDA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PHILIA EM ARISTÓTELES

Luana Pantoja Medeiros [UEA]
Alexsandro Melo Medeiros [UFAM]

Resumo: *O termo philia comporta em sua semântica grande complexidade, ora sendo traduzido por amor, de onde o sentido da palavra filosofia como amor à sabedoria, ora traduzido como amizade, de onde o sentido da palavra filósofo como um amigo da sabedoria. Nessa*